

Arquitetura fortaleceu corporativismo

■ Entidades acabam se tornando trampolim para candidaturas políticas da capital

MARGARETE VITÓRIA

Brasília é uma cidade essencialmente corporativista. Desde sua inauguração, em 1960, a cidade cresceu estratificada em setores, tanto do ponto de vista arquitetônico como social. Profissionais da mesma área não só trabalham juntos, como se acostumaram a frequentar os mesmos clubes e associações. O fato de ser uma cidade planejada favoreceu o desenvolvimento das corporações e, conseqüentemente, o fortalecimento de suas representações, como os sindicatos.

Dos oito deputados federais eleitos no Distrito Federal, três são ex-presidentes de sindicatos. Augusto Carvalho (PPS), dos Bancários, Maria Laura (PT), dos Servidores e Chico Vigilante (PT), dos Vigilantes e ex-presidente da CUT-DF. Dos 24 deputados distritais da Câmara Legislativa, cinco vieram da militância sindical. Um dos três senadores eleitos, o atual ministro da Justiça, Mauricio Corrêa, tornou-se conhecido na cidade como presidente da seção local da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

A preocupação política dos sindicatos também é evidenciada pela filiação da maioria deles a CUT. É o caso dos bancários, professores, médicos, rodoviários e servidores públicos federais. Segundo a presidente do Sindicato dos Bancários, Érika Kokai, a filiação a uma central é uma forma de estabelecer vínculos entre entidades que têm objetivos comuns para estimular a discussão política na sociedade.

Críticas a Cut — Mas esse vínculo nem sempre é bem aceito pela categoria. Uma das dirigentes do Sindicato dos Médicos, Arlete Sampaio, lembra que numa pesqui-



Santana, dos servidores, quer sindicato politizado



Arlete Sampaio, dirigente do Sindicato dos Médicos

sa recente da entidade, muitos sindicalizados fizeram críticas sobre a filiação a CUT. Segundo ela, os associados também se preocupam com a possibilidade do sindicato ser usado como trampolim eleitoral pelos seus dirigentes, já que a maioria dos líderes é filiada a partidos políticos de esquerda, como PT, PDT, PC do B e PPS e muitos foram candidatos nas eleições de 1990. As reivindicações específicas das categorias, como aumento salarial e melhores condições de trabalho, continuam o grande mote para mobilizar grevistas.

Cláudio Santana, do Sindicato dos Servidores Públicos Federais, diz que o sindicato deve ser autônomo, mas politizado. "Se a entidade for aparelhada por partidos será rejeitada pela categoria", afirma. Walter Peninha, do sindicato dos professores, tem a mesma opinião, apesar de acreditar que os sindicatos são "um campo de preparação das massas para ingressar nos partidos".

Para o professor do Departamento de Economia da UnB, Cristovam Buarque, os sindicatos

cumprem o seu papel quando são corporativistas. "Os partidos é que não podem agir corporativamente", defende, lembrando que no Brasil, "os partidos são uma soma de sindicatos e titubeiam em denunciar o corporativismo dessas entidades".

João Alves Donizeth, professor do Departamento de Ciência Política, alerta que apesar do corporativismo fortalecer as entidades sindicais, pode prejudicar a atuação de uma liderança eleita para o parlamento.

Sindicatos são verdadeiras empresas

Há categorias profissionais em Brasília que ameaçam parar a cidade quando estão em greve — servidores públicos, rodoviários, professores, médicos, bancários. Nos últimos três anos, esses trabalhadores fizeram 23 paralisações, algumas que duraram mais de dois meses, como a greve dos professores iniciada em maio de 1992. Em 1993, a última paralisação que levou às ruas milhares de trabalhadores foi a dos servidores públicos, que teve uma duração de 20 dias e mobilizou 90% da categoria nas duas primeiras semanas, segundo Cláudio Santana, um dos diretores do Sindicato. Ao todo, são 75 mil funcionários públicos no Distrito Federal.

Fortalecidos com a abertura democrática na década de 80, essas corporações sindicais conseguem hoje em dia mobilizar grande parte de suas categorias em torno de reivindicações específicas de cada setor. Prova disso é o alto índice de sindicalização. Dos 25 mil professores que dão aulas nas escolas públicas e particulares da cidade, 20 mil são sindicalizados. Dos 20 mil que estão no mercado, aproximadamente 15.500 se sindicalizaram. Entre os 4.200 médicos que atuam na cidade, 3.500 preencheram sua ficha de filiação.

O alto índice de sindicalização engorda o orçamento das corporações, que sobrevivem, exclusiva-

mente, com a contribuição dos associados, já que não recolhem mais o imposto sindical. Em junho, a receita do Sindicato dos Professores chegou a Cr\$ 9 bilhões. A do Sindicato dos Bancários foi de Cr\$ 6 bilhões, segundo a presidente da entidade. O Sindicato dos Servidores Públicos Federais arrecada até Cr\$ 1 bilhão por mês.

O crescimento da arrecadação possibilitou ao Sindicato dos Médicos e dos Previdenciários propor à Rede Bandeirantes de Televisão a compra de dois minutos diários para a realização de um telejornal. Cada um bancaria US\$ 7 mil (cerca de Cr\$ 455 milhões) por mês. Mas a

Bandeirantes recuou e o negócio não se concretizou.

Com tantos recursos disponíveis aplicados no mercado financeiro, o patrimônio dessas corporações é surpreendente. Além de espaçosos imóveis próprios, os sindicatos possuem veículos para transporte e carros de som, gráficas equipadas para impressão de jornais e boletins e até algumas chácaras, como a dos Sindicato dos Professores, que fica perto de Brazlândia e tem 60 hectares. A entidade também possui um prédio de cinco andares no Centro da cidade, onde funciona a sede. O Sindicato dos Médicos tem 10 salas num dos lugares comerciais mais valorizados da capital, o Setor Bancário Sul. (M.V.)